

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO TRAJE MILITAR: FEMINILIDADE E PODER NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

SYMBOLIC REPRESENTATIONS OF THE MILITARY COSTUME: FEMININITY AND POWER IN CONTEMPORARY BRAZIL

Ana Paula Lima de Carvalho¹

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil/ Faculdade SENAI CETIQT

Resumo: A proposta deste artigo é de apresentar as relações existentes entre design, moda e história do traje militar feminino, como representação de poder por meio das alterações da indumentária no período entre guerras e na contemporaneidade. A partir do resgate da memória proveniente das interferências no universo feminino foi possível detectar as conquistas femininas, desde a emancipação financeira até a visita ao guarda-roupa masculino, como representação simbólica de uma época em que a moda se alterou com o estabelecimento do *prêt-à-porter*. O método de análise histórica é baseada nos estudos interpretativos e comparativos de fotografias da época, nas referências provenientes de algumas entrevistas que narraram o código vestimentar do traje militar feminino e nas permanências identificadas no cotidiano atual na moda brasileira

Palavras-chave: Design de Moda – História do Traje Militar – Memória

Abstract: The purpose of this article is to present the relationship between design, fashion and the history of women's military attire, as a representation of power through the alterations of clothing in the period between wars and contemporaneousness. From the rescue of the memory from the interferences in the feminine universe, it was possible to detect women's achievements, from financial emancipation to the visit to the men's wardrobe, as a symbolic representation of an era in which fashion changed with the establishment of *prêt-à-porter*. The method of historical analysis is based on the interpretative and comparative studies of photographs of the time, on the references coming from some interviews that narrated the dress code of the female military costume and on the permanences identified in the current routine in Brazilian fashion

Keywords: Fashion design – History of the Military Costume – Memory

¹ Mestre em Design pela PUC- Rio e docente do SENAI CETIQT. E-mail:apcarvalho@gmail.com e apcarvalho@cetiqt.senai.br.

Introdução

O ponto de partida deste artigo foi desvendar o percurso das mudanças do universo feminino expressas no traje como revelação da moda brasileira. Os eixos que acompanham este trabalho foram as permanências e as mudanças que delimitam o movimento da história da moda, no sentido de sinalizar as peculiaridades presentes no cenário nacional do período entre guerras à contemporaneidade.

A partir do estudo da indumentária do século XX, foi possível reconhecer a importância das alterações no vestuário feminino tanto no entre guerras como a partir de 1947 (New look Dior), caracterizando o que foi a silhueta tradicional que passou a ser adotada da década de 1950. A questão que se coloca neste capítulo é o fato de que, ao mesmo tempo em que a mulher se emancipa e conquista o mercado de trabalho, ela desvenda novas possibilidades no traje, inclusive no uso da farda militar. Em contraposição a isso, havia a busca constante pela feminilidade, a volta das mulheres para o lar, a associação do feminino com a boa aparência e a vida doméstica, o que refletia o contexto social e político da época. Como explanam Mello e Novais², as mulheres eram feitas para o casamento cujo objetivo era “ser boa mãe, boa dona de casa, boa esposa” (1998, p. 612). Essas atribuições eram pertencentes ao universo feminino ainda que cada vez mais ampliava-se uma brecha para maior participação nas esferas social e política do estado Democrático.

Com base na historiadora Mary del Priore³ e no designer João Braga⁴, entre outros apresentados ao longo deste artigo, foi possível tecer a nossa proposta teórico-metodológica, que consiste em passear tanto pela história da moda, como pelo design, e, na medida do possível, estabelecer relações acerca da mudança de comportamento feminino, fundamentadas nos conceitos de memória e cultura, uma vez que estes permeiam as alterações não só do traje, mas dos significados que compõem a moda brasileira.

Pretendemos elaborar uma definição da indumentária feminina, com ênfase na silhueta construída no período do entre guerras até os anos de 1950. Consideramos

² MELLO, João Manuel C. de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In NOVAIS, F. A. (Coord.). SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. V. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 559-658.

³ DEL PRIORE Mary (org). **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

⁴ BRAGA, João; PRADO, Luís André. **História da Moda no Brasil das influências às autorreferências**. São Paulo: Pyxis editorial, 2011.

que, neste período, sobretudo no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, desenvolveram-se aspectos conceituais no campo do traje feminino, ora com a moda inspirada na francesa, ora na norte-americana, entre 1939 e 1950, mas principalmente a partir da Segunda Guerra. Utilizamos três crônicas da época destacada, que foram retiradas da revista mensal *Vida Doméstica*⁵ que circulou no Rio de Janeiro entre 1920 até 1963 atendendo ao público feminino. As crônicas foram utilizadas para mostrar quem eram essas mulheres que conquistaram o mercado de trabalho, bem como analisar as características da indumentária utilizada por elas. Buscamos problematizar as referências presentes no campo do design de moda e que remetiam ao imaginário social do período, perpassado pelo modelo da mulher norte-americana e francesa.

Após essas indagações, partimos para a pesquisa imagética, porém só selecionamos duas ilustrações, na medida em que expressam mudanças tanto no comportamento, quanto no design do traje e na moda⁶ Alguns costureiros que trouxeram a mudança na criação em design de moda como Paul Poiret (1879- 1944) e Coco Chanel (1883- 1971) transcenderam a inovação na moda, e viabilizaram a mudança cultural no universo feminino expresso no vestuário, contemplando a mulher tanto em sua época quanto nos dias atuais.

Com base nos estudos sobre o comportamento da mulher, destacamos a emancipação feminina no entre guerras, que trouxe à tona interferências na moda a partir das modificações de comportamento acarretadas pela dita emancipação, aspecto que repercutiu na sociedade brasileira. O estudo desta conjuntura permitiu que se constatasse a conquista de um espaço cada vez maior no âmbito profissional por parte das mulheres assegurando seu reconhecimento que se deslocou das relações no âmbito privado para atender às novas demandas na ordem pública. Neste contexto, as transformações ocorridas no traje feminino revelam as

⁵ ANDRÉA, Zenaide. "Muito em Moda O Rio sorri", **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 373, p.67, abr. 1947. "Muito em Moda O Destino, nós e o" *New Look*", s,n, p.67, Nov. 1948 e "Muito em Moda Vésperas de Verão". N: 356, p 67, nov. 1947.

⁶ Quando referimos design de traje estamos identificando o conceito de projetar para posteriormente desenvolver a técnica de modelagem da peça juntamente com as formas a serem utilizadas. A moda aqui deve ser entendida também no processo projetual constituído no design, todavia destacando a construção de uma identidade cultural expressa em uma determinada periodização e representando elementos simbólicos de uma cultura, neste estudo destacamos a brasileira no contexto histórico-cultural da Segunda Guerra. Cf. CARVALHO, Ana Paula Lima de; Gláucia Centeno. **Moda, cultura e identidade**. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT, 2010.____, O traje Militar: indumentária feminina do prêt-à-porter à globalização. http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2010/administracionconcursos/archivos_conf_2013/1383_71964_2079pres_e.pdf. Acesso em: 30 de dez 2015.

adequações necessárias para a ocupação de novos papéis sociais, que envolviam o exercício de novas atividades profissionais ao longo do período em questão.

O recorte temporal foi importante para o desenvolvimento deste artigo, pois permitiu avaliar a mudança existente entre “prendas do lar”⁷ para a mulher inserida no mercado de trabalho, como secretárias, enfermeiras, entre outras profissões consideradas à época pertencentes ao gênero feminino. Neste contexto passou a existir também espaço para funções consideradas masculinizadas, como operárias em fábricas nas mais variadas funções desde a fiação à produção de armamentos bélicos.

Tanto para Mary Del Priore (1997), quanto para João Braga (2011), a inclusão da mulher no âmbito profissional foi ao mesmo tempo uma conquista e um desafio, pois a construção de uma identidade feminina foi tecida com os conceitos do universo masculino. Assim sendo, a mulher foi conquistando espaços de toda ordem (social, político, econômico etc), como também sendo agente de reposição de mão de obra tanto para o setor fabril quanto bélico, sem perder de vista o continuísmo de suas tarefas domésticas e familiares.

Para Braga, uma mudança sensível foi a visita da mulher ao guarda-roupa masculino a partir do período compreendido entre 1912 e 1918, portanto anterior ainda à I Grande Guerra Mundial. Posteriormente, a inserção da mulher cada vez maior no mercado de trabalho foi resultado da escassez temporária dos homens por estarem na guerra. Desde então o mercado de trabalho feminino estava mais vinculado à ocupação nos setores fabril, têxtil, saúde, agrícola e industrial, inclusive bélico. Além destes, o universo feminino ocupava as profissões já conquistadas desde o final do século XIX para completar o orçamento familiar atuando como costureiras, na fabricação de chapéus ou diretamente em confecções como alfaiates. Assim, assegurando o continuísmo de suas atribuições domésticas.

Uma expressão concreta da mudança no traje, e por conseguinte do comportamento feminino, ocorreu a partir do final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) quando a moda feminina alterou-se efetivamente. Foi neste momento,

⁷ A expressão utilizada neste artigo é sinônimo de “rainha do lar” como apresenta Carla Bassanezi para designar a mulher que atua no trinômio: mãe, mulher e esposa (p. 627) no artigo *Mulheres dos anos dourados* In NOVAIS, F. A. (Coord.). SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. V. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Outra referência é dada como “a dona de casa é a rainha do seu lar ou aquela que é a prenda do lar” (p. 106) por SILVA, Léa. **Em sociedade: Etiqueta social através da história**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A, 1965.

por exemplo, que houve a retirada do espartilho pelo costureiro Paul Poiret (1879-1944), uma vez que esta estrutura tolhia os movimentos femininos. Além disso, saias e vestidos foram encurtados até o tornozelo, permitindo maior facilidade de movimentação e de deslocamento da casa para o trabalho, o que envolvia pegar mais rapidamente uma condução pública, como o bonde. A respeito disso, Charles-Roux⁸ apresenta tanto Poiret quanto Coco Chanel (1883-1971) como referências no campo da moda que propiciaram mudanças na forma de se vestir para melhor adaptação aos novos hábitos de comportamento feminino nas sociedades urbanas. Assim, enquanto Poiret libertou o corpo feminino, Chanel encurtou o comprimento das roupas permitindo que os tornozelos fossem vistos pelos olhares masculinos no espaço público, além de facilitar a movimentação da mulher nos seus percursos diários. Na verdade, podemos afirmar que

Poiret havia criado uma moda fluida, sem o estrangulamento da cintura. Chanel fez mais: impôs uma cintura levemente marcada. Poiret deixava ver o pé. Gabrielle Chanel subiu mais a saia, descobrindo amplamente o tornozelo (...) ao mudar tudo isso, Chanel transforma para sempre o espetáculo da rua.⁹

Neste contexto, a mulher caminhava para a sua independência, ainda que restrita nos sentidos financeiro e matrimonial, à dominação do gênero masculino, com poder para impor os valores na sociedade. Assim sendo, a mulher se expôs às atividades laborais, porém associada ao mundo das atividades esportivas e aos ambientes de lazer constituídos como, por exemplo, o cinema, o teatro, a ópera, os piqueniques, os bailes, a dança, entre outros expoentes da ordem burguesa preestabelecida por uma sociedade que cada vez mais ampliava os múltiplos papéis femininos.

Conforme aponta Priore "a sociedade modernizava-se em todos os sentidos" (PRIORE, Mary Del. 1997, p.587), pois as mudanças de hábitos permitiram que a elite dominante da época frequentasse mais o espaço público em detrimento do privado, pois se antes a instituição Igreja era o elemento agregador de valores tanto morais quanto de socialização. A partir de então as novas formas de entrosamento social se davam com as novas possibilidades em torno da modernização das cidades, pois "o

⁸ CHARLES- ROUX, Edmonde. **A Era Chanel**. São Paulo: Cosac Naify, 2007, pp.146- 147.

⁹ Ibid. p. 146.

teatro e a ópera tornaram-se os principais pontos de encontro, seguidos pelas confeitarias, restaurantes e cafés-concerto” (Ibid, 1997, p. 586).

Desse modo, as mudanças de comportamento devido ao frenesi urbano proveniente da modernização das cidades foram refletidas na moda feminina, pois o encurtamento das saias e dos vestidos (Ilustração 1) representaram uma nova função para a mulher, que multiplicava seus papéis na sociedade capitalista ao ser simultaneamente objeto de desejo do seu marido; “rainha do lar”; profissional para enfrentar as demandas de seus respectivos papéis na sociedade, cada vez mais urbana, tecnológica e moderna.



Ilustração 1: Mulher com saia-calça tanto usada nas práticas esportivas como nas atividades diárias no período entre guerras (Fernanda Moraes, 2014)

O reflexo destas mudanças socioculturais incidiu diretamente no traje que foi sendo adaptado frente às novas necessidades derivadas da mulher emancipada, isto é, moderna. Na verdade, a questão referente à emancipação feminina

(...) não se trata apenas de uma rápida tomada de consciência quanto às qualidades da eficácia feminina em todas as indústrias que trabalhavam para o exército. É algo infinitamente maior que isso: trata-se do acesso delas a trabalhos que até então eram reservados aos homens. Daí por diante, nada poderá impedir a crescente presença feminina em numerosas profissões” (CHARLES- ROUX, 2007, p.133).

Tratava-se da possibilidade de acesso irrestrito ao mundo do trabalho, uma vez que este pertencia apenas ao universo masculino. Entretanto, a presença feminina se destaca a partir do período entre guerras uma vez que a mulher começou a ocupar profissões antes destinadas somente ao universo masculino, como também o gradativo reconhecimento profissional feminino por meio da inserção no mercado de trabalho apesar dos diversos obstáculos presentes no cotidiano profissional.

No Brasil, a mudança do traje, no sentido de abolir as estruturas opressoras, como o espartilho, foi uma conquista feminina, iniciou-se ao longo do processo de aculturação¹⁰ proveniente da moda europeia e da construção de novas formas de silhuetas, com a valorização saindo dos quadris para os ombros¹¹. Na verdade, o que estava em jogo não era a questão da “liberdade do corpo feminino”, mas a possibilidade de inventar uma moda mais flexível às mudanças culturais e comportamentais.

Como destaca Margareth Rago¹², a preocupação do universo masculino na época pesquisada era muito mais relacionada ao mercado de trabalho e à moralidade social, do que à inserção da mulher no setor profissional propriamente dito. A preocupação masculina era perder o controle da situação, por parte de quem detinha as relações de poder na esfera privada, pois na esfera pública a presença feminina gradativamente se impunha. Assim, mesmo que a mulher permanecesse em casa, com os afazeres domésticos, o pouco período destinado ao mundo do trabalho ou do estudo era considerado como um possível comprometimento na educação dos filhos, bem como da estrutura familiar.

Mesmo com o reconhecimento profissional feminino nos setores fabris brasileiros, não houve uma substituição de mão de obra masculina pela feminina, mas:

(...) ao contrário, as mulheres foram progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançavam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre

¹⁰ Este termo é muito utilizado no campo da moda brasileira, quando ao invés de preservar uma identidade própria no código vestimentar há um processo de “europeização” e, posteriormente, de “americanização” do traje no Brasil. Cf. Freyre, Gilberto. **Modos de homem & Modos de mulher**. Rio de Janeiro, Record, 1987. P. 217 e 225.

¹¹ STEELE, Valerie, **Fetichismo: moda, sexo & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. P. 63 a 78.

¹² RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sensualidade. In: PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**: São Paulo: Contexto, 1997.

muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem [...] elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como naturalmente masculinos [...].¹³

As mulheres dos segmentos sociais pertencentes às classes média e alta, devido ao novo mundo citadino em contínua modernização, foram deixando de lado as roupas mais sóbrias referentes a um período vinculado ao recato, sisudez e ao "corpo espartilhado"¹⁴, para se vestirem conforme os ditames da moda de Paris [a "europeização dos costumes" de Freyre, começa no século XIX; não surge no XX]. Era comum que costureiras, como as francesas que residiam no Brasil, sobretudo no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, comesçassem a elaborar peças do traje feminino para compor uma nova imagem [isso desde o século XIX]. Esta mulher primava cada vez mais pela magreza e agilidade dos movimentos corporais, em busca de um traje menos restritivo como, por exemplo, o estilo da melindrosa. Moutinho corrobora com esta assertiva quando menciona que "a moda andrógena dos anos 20, que fazia a mulher mais parecida com o homem, também é adotada, e seus símbolos são o corpo sem volumes, os cabelos curtíssimos à *la garçonne* e o chapéu *cloche* bem enterrado. Mas a sensualidade da mulher não desapareceu [...]"¹⁵.

Na verdade, o corpo feminino passou a ser modelado pela prática do esporte, como o ciclismo e a natação, da mesma forma que o uso dos corpetes, sutiãs e das cintas serviram de suportes para definir a silhueta. A libertação feminina no vestuário foi apenas aparente, pois até os dias de hoje observamos mulheres sujeitas a interferências destas peças, constituindo o capital simbólico do próprio corpo¹⁶.

Nos anos da Segunda Guerra, a silhueta tornou-se mais afunilada, pois prevaleceu a marcação da cintura e a valorização dos ombros e dos quadris. Veillon afirma que "[...] a silhueta é desprovida de sobrecargas que prejudicam a harmonia do conjunto"¹⁷, pois o que estava em jogo era garantir uma certa negligência à indumentária. Se por um lado a moda e inscreve em primeiro lugar como fato social,

¹³ Ibid.1997, p. 581 e 582.

¹⁴ Entende-se por corpo espartilhado o que Valerie STEELE (1997) define como "um instrumento de opressão física e de mercantilismo sexual", p. 63.

¹⁵ MOUTINHO, Maria Rita Máslova Teixeira Valença. "1945 a 1960". In: **A Moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000, p. 97

¹⁶ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

¹⁷ VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra: Um retrato da França ocupada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. pp. 194 e 195.

por outro estava submetida às regras da economia, que condicionam o consumo e, por conseguinte, a criação¹⁸. Portanto, o traje estava cada vez mais cintado e o uso de solas compensadas formavam o conceito de farda nos tempos de guerra.

Nesta ambiência, a mulher brasileira, independentemente do estrato social em que se insere, vivenciou uma luta constante para abrir brechas na esfera pública, numa tentativa de conquistar direitos referentes à condição feminina, uma vez que a cidadania só foi conquistada em 1934 quando a nova constituição garantia o direito ao voto feminino. Entretanto, tal direito só foi aplicado de fato em 1945, no processo de redemocratização que pôs fim ao Estado Novo (1947- 1945)¹⁹.

A década de 1930 foi marcada por mudanças de toda ordem, sobretudo no âmbito da indústria têxtil, com a produção de novos materiais, as necessidades de uma sociedade cada vez mais consumista, isto é, sob a égide do sistema capitalista, se ampliaram. As alterações foram feitas nos setores econômicos motivados pela inovação e criação de produtos nacionais que se tornaram fatores determinantes para a construção de uma incipiente moda brasileira. Conforme aponta Moutinho e Valença, bem como Mello e Novais²⁰, as classes abastadas daquela época ignoravam a crise econômica que se propagava na Europa, pois continuavam a manter seu status com requinte e glamour. Utilizavam, por exemplo, peças caras como casacos de pele, e sofriam a influência da moda ditada pelo cinema hollywoodiano e das atrizes de teatro em que o uso de vestidos longos com profundos decotes valorizava as costas, exibindo cada vez mais a silhueta feminina.

Esta mudança no traje estava presente na alta sociedade brasileira, como podemos observar na crônica de Zenaide Andréa²¹. Nela, Andréa divulgou a renomada loja carioca “A Imperial Simões & Alijo”, situada na Rua Gonçalves Dias, no. 56, com a seguinte propaganda: “Apresenta sempre no Rio, em primeiro lugar, as maravilhosas criações de moda nos “ateliers” de Nova York e de Hollywood”.

¹⁸ Idem. p. 230 a 236.

¹⁹ GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 560 a 574.

²⁰ MOUTINHO, Maria Rita e VALENÇA, Teixeira Máslova. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000, p. 102 a 137 e MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAIS, Fernando A. (Coord.) **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna** In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 560 a 574.

²¹ ANDRÉA, Zenaide. Muito em Moda Vésperas de Verão. **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro, n. 356, p. 67, nov. 1947.

Esta propaganda destaca a moda proveniente de Nova York e de Hollywood no Brasil, evidenciando uma substituição da moda parisiense, o que acontece ao longo da Segunda Guerra. A mudança no traje feminino partiu das novas necessidades da guerra, desde a busca constante por materiais novos e mais baratos, passando pelo reaproveitamento de roupas velhas e retalhos, além de tecidos até então destinados à decoração, e chegando à busca constante pela praticidade e pela versatilidade dos modelos das peças do vestuário feminino.

A cronista destaca em outra matéria, denominada "O destino, nós e o New look", que mesmo se usando espartilhos, anáguas, corpinhos modeladores e alças de rendas, a mudança se expressava no uso trazido pela saia longa e pela cintura de vespa, seja sob os vestidos, seja nas saias. Na verdade, o que vale é o estabelecimento do New look de Dior que procurava trazer à tona a feminilidade e a elegância, que teriam sido colocadas em segundo plano nos períodos de guerra. Conforme narra Zenaide Andréa,

(...) os figurinos e as silhuetas vivas que enchem as ruas e os salões são um testemunho galante e eloquente de que a elegância atinge uma fase áurea. Há um grande clima de requinte em tudo: o "new look" é o mais completo êxito da feminilidade de nossa época [...] embora a ambiência lhe fosse e seja contrária, aqui como noutros lugares do mundo, com a situação econômica, as dificuldades de condução, etc.²²

O *New look* foi percebido como um resgate da feminilidade no universo feminino enquanto o uso das saias-calças facilitou cada vez mais a prática de esportes, como também de mudança de comportamento, quando a mulher passou a utilizar a bicicleta como um transporte alternativo frente à crise econômica proveniente da guerra. Outras vestimentas do traje feminino como as calças compridas e, ainda os shorts, foram peças somente aprovadas para andar de bicicleta, trabalhar nas fábricas ou nas atividades campestres. A calça comprida não só foi vista como uma peça pertencente ao universo masculino, como também um símbolo da imagem de emancipação feminina, porém vista de forma preconceituosa à época.

²² ANDRÉA, Zenaide. Muito em Moda O destino, nós e o "New look". *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, n. 366, p. 67, set. 1948.

Outra peça do guarda roupa masculino, que foi usada no período contemplado neste estudo, foi o macacão, derivado da necessidade das mulheres pertencentes aos países beligerantes terem que se abrigar em locais subterrâneos. Foram desenvolvidas roupas combinadas enquanto peça única, com um fecho de mais de 50 cm, com capuz que possibilitasse estar “arrumada” na saída dos abrigos, pois esta peça era sobreposta à roupa de baixo (pijama ou camisola). Segundo Veillon²³, era comum que as mulheres europeias saíssem de suas casas portando máscaras de gás, com o objetivo de se protegerem dos bombardeios que eram iminentes à época, como também com trajes mais práticos e utilitários para compor a indumentária.

O traje militar feminino no Brasil

No Brasil, estas mudanças no traje feminino foram mais absorvidas pelas mulheres que participaram diretamente da guerra, na condição de enfermeiras voluntárias. Estas passaram a utilizar saias-calças confeccionadas em tecidos inadequados como brim ou gabardine que armam e criam volume nos quadris, na maioria das vezes, mal-acabadas. A primeira brasileira a se apresentar como voluntária à Diretoria de Saúde do Exército para lutar na Segunda Guerra Mundial - a enfermeira Elza Cansanção Medeiros (1921- 2009) -, mencionou que o traje militar feminino brasileiro era tão de mau gosto que a saia-calça foi apelidada de “Zé Carioca”. Deixemos a voz da major Elza expor esta concepção (Ilustrações 2 e 3).

[...] Os uniformes que mandaram confeccionar para nós eram de tão má qualidade e tão malfeitos que não se concebe que tivessem sido feitos para uma representação feminina junto às tropas estrangeiras. As primeiras fardas que recebemos eram de brim chamado “Zé Carioca”, o mesmo usado para confeccionarem os macacões dos mecânicos. O alfaiate escolhido foi um especialista em fardas para cozinheiros, chofer de praça [...] As saias-calças tinham tanta fazenda embolada no entre pernas que, por ocasião do desfile de despedida da FEB, ao fazermos o percurso até o obelisco na Praça Mauá, até as que eram magras ficaram com as pernas feridas; imaginem as gordas como eu [...]²⁴.

²³ VEILLON, Dominique. *Moda & Guerra*. Um retrato da França ocupada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 24 e 25.

²⁴ Transcrição feita do site <http://www.mauxhomepage.net>. Acesso em: 01 mar 2014, como também do site <http://www.anvfeb.com.br/>. Acesso em 02 de mar de 2014, além de consulta ao livro *E foi assim...que a Cobra Fumou* de CANSANÇÃO, Elza: Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.p. 70 e 80. Nesta última fonte a major até menciona que ficaram com as pernas sangrando e que não tinham quepe.



Ilustração 2: modelagem da saia-calça (costas e frente com zíper na frente) utilizada para compor a farda militar feminina denominada de "Zé Carioca, pois era de um verde-oliva bem forte. (Fernanda Moraes, 2014)



Ilustração 3: Farda Feminina FEB – Major Elza Cansanção Medeiros (1921- 2009) foi a mais condecorada do Brasil, segundo o Comando Militar do Leste, com 35 medalhas. Foi a primeira brasileira a se apresentar como voluntária na Diretoria de Saúde do Exército, para lutar na Segunda Guerra Mundial, aos 19 anos de idade (Fernanda Moraes, 2014)

Neste contexto, podemos afirmar que, ao findar a guerra, a mulher brasileira manteve sua posição no mercado de trabalho, sobretudo nos setores fabril, doméstico e campesino, mas, a partir de então, também na carreira militar, com a

possibilidade de ascensão, devido à presença das “febistas”²⁵. A participação do sexo feminino foi significativa na Segunda Guerra, porém foram destituídas pelas Forças Armadas ao não aproveitá-las no pós-guerra²⁶.

Bernardes aponta para a padronização dos costumes e de nivelamento de um código de conduta oferecido às “enfermeiras da FEB”, que fora elaborado

[...] por uma comissão da qual faziam parte a Sr^a Darcy Vargas, esposa do Presidente Getúlio Vargas e a Sr^a Santinha Dutra, esposa do ministro da Guerra Gaspar Dutra. Tais fardas não satisfizeram as expectativas das enfermeiras, que os consideraram desconfortáveis e ridículas, gerando profunda insatisfação para as mesmas. Para resolver este problema, decidiu-se que elas usariam o uniforme de verão norte-americano e o verde-oliva brasileiro para passeio.²⁷

A enfermeira carioca Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero (1917-), que também engrossou o corpo feminino no Exército, corrobora esta assertiva ao afirmar que a farda

[...] Segundo a (enfermeira) Bertha de Moraes, parecia espantinho de arrozal. Era um vestido solto, de pano cinza escuro, com um lenço na cabeça, como de faxineira. Depois deixaram o uniforme das americanas. Nossas calcinhas eram abaixo do joelho, nunca vi nada igual, nem em bisavó minha. E o sutiã era verde-oliva. Tínhamos vergonha de tomar banho com as americanas.²⁸

As reclamações das enfermeiras foram tantas que há uma hipótese, levantada pelo estilista e editor de moda americano, Rousseau Bocherr, mais conhecido por Mainbocher (1891-1976), de que o uniforme feminino da divisão da marinha americana foi reproduzido para as *febistas* na cor verde-oliva²⁹ Todavia, não

²⁵ Termo usado na época para se referir ao quadro de 73 enfermeiras voluntárias que participaram da Força Expedicionária Brasileira.

²⁶ RENIANY, Omena Moura Lyra Bezerra de. **Segunda Guerra Mundial** Contexto político e participação da mulher na Força Expedicionária Brasileira. Rio de Janeiro, 2008. Monografia apresentada à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde, especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

²⁷ Trecho extraído do artigo de Bernardes MMR, Lopes GT, Santos TCF. O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Latino-am Enfermagem*, 2005 maio-junho; 13(3):314-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a05.pdf> Acesso em: 5 jul 2013.

²⁸ Entrevista cedida ao jornal *O GLOBO*. In: **Ventura, Mario. Duas águas e a conta com Virgínia Portocarrero**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/duas-aguas-a-conta-com-virginia-portocarrero-10255176>. Acesso em: 06 out. 2013.

²⁹ A Major Elza menciona que teve a oportunidade de se apresentar mais uma vez para o General Gaspar Dutra não mais com uma farda mal-acabada, como àquela que enfrentou na guerra, mas uma farda elegante nos moldes da farda norte-americana. CANSANÇÃO, E. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Marques

encontramos provas efetivas sobre esta questão, salvo o discurso da Major Elza em seu livro *E foi assim que a cobra fumou*³⁰ que aponta para esta suposição.

A questão que se coloca, enquanto resgate do valor simbólico de mudanças presentes no traje militar feminino, é no sentido de destacar as alterações feitas desde o tipo de tecido como o brim para o gabardine, cujo objetivo era de obter maior caimento, conforto e funcionalidade ao traje, até a discussão referente ao novo papel social da mulher brasileira a partir desta contribuição, tanto das *febistas* e, em menor número, das *fabistas*. A tentativa de desconsiderar este papel social, no pós-Segunda Guerra, ficou evidente quando foram relegadas, em um primeiro momento, ao não reconhecimento de atuação política nos campos de batalha, expressos nos depoimentos citados pela major Elza, como também prestando serviços na condição de civil. As enfermeiras da FEB só foram reconhecidas quando houve a promulgação da Lei Nº3.160, em 1957, destacando-as como formadoras do Serviço de Saúde do Exército obtendo o posto de 2ºtenente³¹.

Se hoje em dia o estilo militar é uma das expressões da moda que prima pela permanência do traje militarizado³² com uso de saias-calças, macacões e pantalonas, entre outras peças pertencentes desde então ao universo feminino, cada vez mais deixamos de reproduzir os modelos da época pesquisada, para interferir no processo de criação em busca de novos materiais e matérias-primas sem perder de vista o caráter funcional do traje militar. Ainda hoje é possível identificar a presença da moda militar nos acabamentos (abotoamentos duplos, lapela, insígnias das forças armadas bordadas em casacos, entre outros), nos aviamentos (botões dourados e dragonas, ombreiras, etc.) e nos acessórios (sobretudo nos quepes, no uso de bolsas carteiro de tecido, nos calçados em estilo coturno ou até mesmo nas botas de montaria, além dos óculos de aviador). (Ilustração 4)

Saraiva, 1987. Leia também: CANSANÇÃO, E. **1... 2... Esquerda... Direita... Acertem o passo**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2003.

³⁰ Cf. CANSANÇÃO, Elza. **E Foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

³¹ Dados obtidos a partir da consulta nos sites: <http://www.sentandoapua.com.br/portal/hists-mainmenu-41/141-hist24>. Acesso em: 30 jan. 2015, como também do site <http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb039.htm>. Acesso em 30 jan. 2015. O portal da FEB oferece um material imagético sobre as enfermeiras que participaram na Segunda Guerra, www.portalfeb.com.br/category/enfermeirasfeb. Acesso em 8 de fev. 2015.

³² BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010; CALLAN, Georgina O'Hallan. **A enciclopédia da moda, de 1840 à década de 1990**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. LAVER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

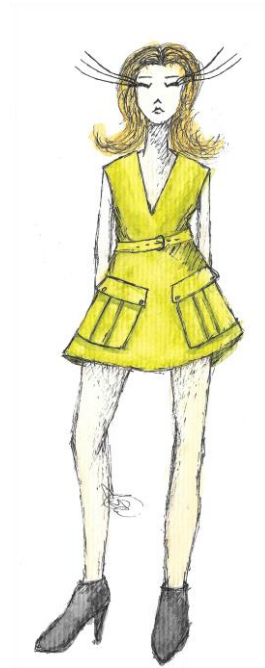


Ilustração 4- Modelo presente em editoriais atuais de moda no Brasil (Fernanda Moraes, 2014)

Ressaltamos que, tanto na época pesquisada, quanto nos dias atuais, percebemos o quanto a moda está associada à novidade e ao desejo, atrelada à necessidade e à função do traje que se perpetua, não somente enquanto invólucro do corpo, mas com funções ampliadas a partir da construção de uma nova mulher, que se forjou no período entre guerras, e se renova a cada dia em busca de conforto, praticidade e elegância, conforme as necessidades do seu tempo. A transcrição abaixo expressa isso quando afirma que nos anos 1950 a silhueta não sofreu alterações significativas, mas

[...] uma revisão total (...) à renovação inapelável no guarda-vestidos...Será preciso, talvez, ajustar um pouco mais a cintura, que esta é a palavra de ordem da atualidade; e, quem sabe, concede um bocado maior da roda à parte inferior das saias. Mas tudo isso é fácil. E de um modo geral, só vem causar satisfação as cariocas (e, também, às demais patrícias), todas elas amigas que são das saias amplas, que permitem andar com desenvoltura e graça, e que não atrapalham nada para tomar o ônibus ou o lotação, à hora do "rush" [...].³³

A moda brasileira na época destacada dialogava com a produção cultural referente à moda internacional assimilada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, pois

³³ Transcrição extraída de ANDRÉA, Zenaide. Muito em Moda Tudo Azul. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 433, p. 53, abr. 1954.

não havia integração em escala nacional devido às particularidades expressas na cultura local que, a nosso ver, estão atenuadas nos dias atuais em função do fenômeno da globalização. Entender a dinâmica da moda brasileira requer compreender a mudança de valores provenientes da tensão do processo histórico, no movimento que reatualiza a moda com o uso de novas técnicas e linguagens, como o cinema, a televisão e o computador, que invadem o cotidiano, assim possibilitando cada vez mais uma moda globalizada.

A era Vargas iniciou esta demanda de construção de uma moda brasileira, ainda que de forma tímida graças à aceleração da indústria têxtil³⁴, partindo da necessidade de sua implementação preocupada com o desenvolvimento de tecidos nacionais, porém sem o lançamento dos modelos com base nos tecidos fabricados no Brasil. Conforme aponta o texto de Mário Guido, diretor artístico e criador de moda da crônica “O Modelo Vivo”,

[...] antes de criar um modelo, é preciso que diga às minhas leitoras, estudo primeiro as possibilidades do tecido, a sua flexibilidade, a sua côr, os desenhos, o peso, a maciez. Só então traço o esboço. O resultado é prático não só para o fabricante, como para o lojista e para a compradora. Com este sistema a indústria têxtil encontra um meio seguro de lançar as suas novidades para a estação.³⁵

O limite estava associado aos resultados alcançados na elaboração de um modelo de moda, que não necessariamente representava a moda brasileira, mas a valorização da indústria de tecidos nacionais independentemente da apropriação dos modelos oferecidos pelas revistas e catálogos estrangeiros de moda da época. Atualmente, esbarramos nas incertezas de quem, por certo, é dono do fortalecimento de uma moda brasileira, que atenda cada vez mais às diversas mulheres contidas nos segmentos socioculturais que compõem o cenário da moda.

Os novos padrões de consumo compreendido no período de 1930 até o início dos anos de 80 e, mas aceleradamente, nos trinta anos que vão de 1950 ao final de 1970, tínhamos sido capazes de construir uma economia moderna, incorporando os padrões de produção e de consumo próprios aos países desenvolvidos.³⁶

³⁴ Cf. TEIXEIRA, Francisco. **A história da indústria têxtil paulista**. São Paulo: Artemeios, 2007.

³⁵ ANDRÉA, Zenaide. “Muito em Moda O Rio sorri”. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 373, p. 67, abr. 1947.

³⁶ MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAIS, Fernando A. (Coord.) Capitalismo tardio e sociabilidade moderna in: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 562.

Dessa forma, as indústrias tradicionais presentes no Brasil, de alimentos, têxtil, de confecções, de calçados, como também de produtos de beleza, alcançaram um patamar elevado proveniente da demanda existente em uma sociedade cada vez mais modernizada e inspirada no modelo norte-americano - no *American way of life*. Conforme descrevem Mello e Novais "dispúnhamos de todas as maravilhas eletrodomésticas: o ferro elétrico, que substitui o ferro a carvão; o fogão a gás de botijão, que veio tomar o lugar do fogão elétrico, na casa dos ricos"³⁷.

Os historiadores supracitados ainda exemplificam uma série de produtos inventados para atender as novas necessidades da sociedade capitalista em expansão. A moda também sofreu estas mudanças, tanto na cadeia têxtil (novos materiais sintéticos, tecnologia aplicada em maquinários complexos, entre outros fatores que agregaram mudanças no desenvolvimento da indústria têxtil), quanto na produção do vestuário, que passou por uma revolução no sentido de democratização da moda com o estabelecimento do *prêt-à-porter* no Brasil a partir de 1947. Este deve ser "compreendido enquanto roupa de luxo feita em série de algumas centenas de unidades para cada modelo e tamanho, uma vez que esta produção é desfilada duas vezes ao ano"³⁸.

Assim o sistema da moda é revitalizado através da sazonalidade, que hoje em dia é discutido devido ao apelo incessante à novidade tanto para os consumidores, como as novidades a serem apresentadas nas vitrines das grandes marcas e das lojas de departamento, na atualidade, sem perder de vista o processo de determinação e de planejamento da cartela de cores, da diversidade de texturas, até do processo criativo concebido pelo designer de moda quando desenvolve uma determinada coleção, no estudo em questão é a revisitação à moda militarizada que se faz presente.

A influência do guarda-roupa masculino, proveniente do período entre guerras e do pós-Segunda Guerra, mantêm-se presente enquanto objeto de estudo da história da moda. Assim, nos editoriais e nas passarelas internacionais e brasileiras, verificamos a permanência do estilo de roupa masculina no vestuário feminino, sob o olhar e para o consumo da mulher contemporânea globalizada, que parece não ter

³⁷ Idem. p. 563 e 564.

³⁸ CARVALHO, Ana Paula Lima. A moda do *prêt à porter* dos anos cinqüenta: Permanências e mudanças culturais. **Vozes em Diálogo**, Rio de Janeiro (3), jan-jun. 2009, p.4.

mais espaço para a distinção rígida de roupa para ficar em casa e o próprio traje de sair em suas diversas ocasiões (trajes matutinos, vespertinos, esportivos, para festas, de gala, entre outras classificações tão recorrentes nas revistas pesquisadas – entre elas, a *Vida Doméstica*). Desse modo, a relação existente, no que se refere aos conceitos de público e de privado, se apresenta no traje destinado aos afazeres domésticos e àqueles destinados às saídas de casa, que antes se restringiam às visitas de amigos ou parentes, ou simplesmente para as idas às missas dominicais, que representavam o espaço da aprovação social. Já para os segmentos mais privilegiados economicamente, que tinham acesso às festas entre outros entretenimentos com maior visibilidade e estavam rigorosamente atentos ao que estava na moda, seja por meio dos catálogos, nas revistas ou em todos os meios de comunicação existentes na época, o espaço público era mais visitado se compararmos com o privado, pois neste a mulher reproduzia suas eternas tarefas de mãe-esposa e de “rainha do lar”, assim sacralizando a ordem de submissão ao seu cônjuge. Em contrapartida à efervescência das diversas tarefas de ordem profissional cada vez mais ganharam espaços em profissões antes pertencentes ao universo masculino, como a que mencionamos ao longo deste artigo – o recrutamento das enfermeiras da FEB e a necessidade de mudança no traje como capital simbólico de mudança de mentalidade possíveis na esfera pública.

Conclusões

Este capítulo objetivou refletir como os pares moda e cultura e moda e memória representam uma possibilidade de estudo acerca do traje militar feminino. Assim, o resgate da memória da cultura brasileira, expressa nas vestes, contribui para a construção da história do vestuário brasileiro, com ênfase no design e suas implicações no âmbito do comportamento e do consumo.

Ao estudar as marcas renomadas cujo tema, antes, visitaram o traje militar, na revista *Vida Doméstica*, e agora, nos *sites* relacionados à moda³⁹, constatamos a

³⁹ Cf. VEJA disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2191a/almanaque-luxo-chanel-curiosidades>. Acesso em: 28 de dez de 2015. ELLE disponível em: <<http://elle.abril.com.br/moda/boas-compras/pecas-da-tendencia-militar-537481.shtml?page=page0&grpp01#comeco>>. Acesso em: 26 de dez de 2015. STYLE.COM disponível em: <<http://www.style.com/fashionshows/review/2012RST-ROW>> Acesso em: 10 de jun de 2011. STYLE. COM. Coleção inverno 2011 Moschino. In 2011. Disponível em: .Acesso em: 25 jun 2011.TAVARES, Andreia. Tendência militar: como surgiu, onde encontrar e como usar #Stylesight. Disponível em:

presença de uma repaginação contendo referências da moda da época pesquisada, como os casacos de ombros quadrados e destacados com corte masculino, adaptações do estilo de farda tanto nas formas quanto nas cores, assim como a utilização do famoso verde oliva, dos tradicionais bege, do cáqui e do azul marinho que permeiam nos dias atuais ou ainda tonalidades que remetem ao militarismo (Ilustrações 6 e 7).



Ilustrações 6 e 7: Modelos inspirados no período da Segunda Guerra Mundial (Fernanda Moraes, 2014)

Em busca de fontes para este estudo foram visitados os Museus Militares Conde de Linhares e Histórico do Exército e Forte de Copacabana, ambos situados na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de observar detalhes da farda feminina, mas deparamo-nos com ausência de imagens, inclusive iconográficas de uma representação feminina atuante na época estudada. Na pesquisa de sites da Internet encontramos referências da major Elza e da enfermeira Virgínia, ambas voluntárias para compor o quadro da FEB, que serviram de base para elaboração das ilustrações e dos depoimentos apresentados no escopo deste artigo.

No primeiro momento ao estudar a história da moda do traje militar feminino tivemos o obstáculo de escassez de fontes para dar continuidade à pesquisa, mas as crônicas de Zenaide Andréa contidas na revista *Vida Doméstica* juntamente com a

memória viva das enfermeiras da FEB permitiram uma imersão neste estudo em que as permanências e as mudanças do traje militar se perpetuam, sobretudo quando as relacionamos à produção cultural da moda brasileira imbricada nas transformações de comportamento presentes na construção de uma nova mentalidade referente à mulher brasileira.

Na verdade, esta mulher, mesmo pertencente aos segmentos sociais mais elevados economicamente, viabilizou o processo de mudança de valores culturais, como representados no traje militar quando primeiramente visitou o guarda-roupa masculino (calças compridas, macacões, entre outras peças do vestuário) para posteriormente ajustar o uso da saia-calça e da tradicional saia ao espaço público em detrimento do espaço privado em que a segurança e a manutenção do *status quo* eram fracionados à medida que a mulher vai à guerra duas vezes: a primeira fisicamente, ainda que seja para socorrer feridos e a segunda em busca de novos códigos vestimentares para compor a estética feminina,

Na atualidade a moda militarizada tende a ser revisitada de diversas formas, mas mantendo o caráter funcional do traje militar devido à confecção de bolsos apresentados em diversas modelagens, como também preserva formatos diferenciados. Ainda é possível identificar a presença da moda militar nos acabamentos (abotoamentos duplos, lapela, insígnias das forças armadas bordadas em casacos, entre outros), nos aviamentos (botões dourados e dragonas, ombreiras, etc.) e nos acessórios (sobretudo nos quepes, uso de bolsas carteiro de tecido, calçados em estilo coturno ou até mesmo botas de montaria, além de óculos de aviador).

Quando se estuda a indumentária de uma época é inevitável estabelecer uma associação direta com a imagem produzida e aquela que se reflete no instante que a consumimos, seja em uma ocasião especial, seja no dia a dia. Na verdade, quando nos vestimos há uma predeterminação de escolha, gosto e desejo a serem satisfeitos pelo sujeito, ainda que atribuamos à moda uma (re) produção de um momento, mas que representa um resgate de uma época enquanto fragmentos da cultura material. As mudanças relacionadas à moda representam tanto uma imagem da época, enquanto cenário histórico-cultural, como também a permanência do passado

através da memória, que se legitima no presente por meio de uma reinterpretação do traje na contemporaneidade.

Conforme menciona Jacques Le Goff⁴⁰, ao afirmar que a “exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos [...] é uma conversão do olhar histórico”, que por sua vez necessita do compartilhamento do coletivo à medida que teme pelo esquecimento. Assim a memória coletiva é mais que uma conquista, “é também um instrumento e um objeto de poder”. Neste estudo o objeto moda militar ganhou legitimidade ao ouvirmos os discursos contidos nas entrelinhas daquelas enfermeiras, que simbolizam “representações das consciências individuais”, em prol da construção de uma História das mulheres do Brasil, que alteraram o norte das relações simbólicas existentes até então, destacando as mudanças no traje militar, mais especificamente na forma de se vestir para enfrentar as novas funções a serem estabelecidas no universo feminino.

O traje militar é uma parte da história da moda, que permite identificar as mudanças culturais e comportamentais presentes no universo feminino. De forma metafórica é como se a mulher estivesse coberta por muitas capas contendo imagens e relações de poder referentes ao contexto histórico de uma época em guerras. A retirada dessas capas é o que chamamos de resgate da memória por meio de referências de uma época contida no traje, no caso em questão o militar. Portanto, ao examinarmos as peças do traje militar em determinadas épocas percebemos que os elementos simbólicos do traje e sua função permanecem, mas se altera a concepção do traje ao ser destinado a mulher por ter que se adaptar e, muitas vezes alterar as peças em nome de uma estética que identifique uma nova imagem de mulher.

Enfim esperamos que este capítulo seja um ponto de partida para outros estudos da história da moda, sobretudo dos que tratam da influência do traje militar feminino no Brasil, à medida que se constitua como uma possibilidade de resgatar a memória de uma época predominantemente militarizada expressa na moda, para atender às novas realidades e necessidades do guarda-roupa feminino, que, ao mesmo tempo em que revisita o passado, inova através da busca constante pela

⁴⁰ Utilizamos como referência para conceituação de memória histórica o livro de Jacques Le Goff intitulado *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 1990, p. 472 a 477.

novidade no mercado e nas mudanças de comportamento que se fizeram e se fazem presentes ao longo do desenvolvimento da moda feminina.

Para finalizar, a busca constante pelo resgate do universo feminino por meio de uma investigação histórica, que esmiúça os acontecimentos do cotidiano da mulher inseridas em um determinado contexto histórico, aqui foi destacada a importância do período da Segunda Guerra mundial aos dias atuais como cenário em que as referências no campo do design de moda brasileiro se fizeram presentes, desde a necessidade de fardas para compor o traje feminino até o continuísmo de uma moda militar. Portanto, a construção do imaginário social da mulher brasileira é um somatório de apropriações das mulheres europeias, sobretudo norte-americanas para estabelecer uma imagem efetiva das suas atribuições conquistadas ou até mesmo reprimidas nas relações de poder que se estabeleceram ao longo da construção da memória social manifestada por meio do traje militar feminino.

Referências

- ANDRÉA, Zenaide. Muito em Moda Tudo Azul. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 433, p. 53, abr. 1954.
- _____. "Muito em Moda O Rio sorri", **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n.373, p.67, abr. 1947.
- _____. Muito em Moda Vésperas de Verão. **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro, n. 356, p. 67, nov. 1947.
- _____. Muito em Moda O destino, nós e o "New look". **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 366, p. 67, set. 1948.
- _____. "Muito em Moda O Rio sorri". **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 373, p. 67, abr. 1947.
- BERNARDES MMR, Lopes GT, Santos TCF. O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Latino-am Enfermagem*, 2005. maio-junho; 13(3):314-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a05.pdf>. Acesso em: 5 jul 2013.
- BOUCHER, François. **História do vestuário no ocidente: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BRAGA, João; PRADO, Luís André. **História da Moda no Brasil das influências às autorreferências**. São Paulo: Pyxis editorial, 2011.
- CALLAN, Georgina O'Hallan. **A enciclopedia da moda, de 1840 à década de 1990**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANSANÇÃO, E. **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **1... 2... Esquerda... Direita... Acertem o passo**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2003.

CARVALHO, Ana Paula Lima de; Gláucia Centeno. **Moda, cultura e identidade**. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT, 2010.

_____. O traje Militar: indumentária feminina do *prêt-à-porter* à globalização. http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2010/administracionconcursos/archivos_conf_2013/1383_71964_2079pres_e.pdf. Acesso em: 30 de dez 2015.

_____. Ana Paula Lima. A moda do *prêt à porter* dos anos cinqüenta: Permanências e mudanças culturais. **Vozes em Diálogo**, Rio de Janeiro (3), jan-jun. 2009.

CHARLES- ROUX, Edmonde. **A Era Chanel**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DEL PRIORE, Mary (org). **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FEB. sobre as enfermeiras que participaram na Segunda Guerra, www.portalfeb.com.br/category/enfermeirasfeb . Acesso em 8 de fev. 2015.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & Modos de mulher**. Rio de Janeiro, Record, 1987.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAX HOME PAGE. Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: <http://www.mauxhomepage.net>. Acesso em: 01 mar 2014.

LAVER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Ed. da Unicamp, 1990.

MELLO, João Manuel C. de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In NOVAIS, F. A. (Coord.). SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. V. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MOUTINHO, Maria Rita e VALENÇA, Teixeira Máslova. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sensualidade. In: PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**: São Paulo: Contexto, 1997.

RENIANY, Omena Moura Lyra Bezerra de. **Segunda Guerra Mundial** Contexto político e participação da mulher na Força Expedicionária Brasileira. Rio de Janeiro, 2008. Monografia apresentada à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde, especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

SENTA PUA. Disponível em: <http://www.sentandoapua.com.br/portal/hists-mainmenu-41/141-hist24>. Acesso em: 30 jan. 2015.

SILVA, Léa. **Em sociedade: Etiqueta social através da história**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A, 1965.

STEELE, Valerie, **Fetichismo: moda, sexo & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

STYLE.COM disponível em: <<http://www.style.com/fashionshows/review/2012RST-ROW>> Acesso em: 10 de jun de 2011. STYLE. COM. Coleção inverno 2011 Moschino. In 2011. Disponível em: . Acesso em: 25 jun 2011.

TAVARES, Andreia. Tendência militar: como surgiu, onde encontrar e como usar #Stylesight. Disponível em: <http://ffw.com.br/noticias/moda/tendencia-militar-como-surgiu-onde-encontrar-e-como-usar-stylesight/>. Acesso em: 14 de nov de 2012.

TEIXEIRA, Francisco. **A história da indústria têxtil paulista**. São Paulo: Artemeios, 2007.

VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra: Um retrato da França ocupada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

O GLOBO. In: Ventura, Mario. **Duas águas e a conta com Virgínia Portocarrero**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/duas-aguas-a-conta-com-virginia-portocarrero-10255176>. Acesso em: 06 out. 2013.

VEJA disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2191a/almanaque-luxo-chanel-curiosidades>. Acesso em: 28 de dez de 2015. ELLE disponível em: <<http://elle.abril.com.br/moda/boas-compras/pecas-da-tendencia-militar-537481.shtml?page=page0&grpp01#comeco>>. Acesso em: 26 de dez de 2015.

Recebido em: 23/11/2018

Aprovado em: 20/12/2018